

## RESENHA

*Hermisten Maia Pereira da Costa\**

GEORGE, Timothy. **Teologia dos reformadores**. São Paulo: Vida Nova, 2007. 339p.

A obra de George em sua sexta impressão é muito bem-vinda. Publicada originalmente em inglês (*Theology of the Reformers*, 1988) foi traduzida e publicada em português em 1994. De lá para cá saíram cinco reimpressões, sendo que tenho em mãos a que creio ser a mais recente, de 2007.

A obra é preciosa. George, que tem mestrado e doutorado em teologia em Harvard, é um teólogo de tradição batista com profunda convicção calvinista (seus filhos que o digam, p. 13). Entre outras atividades acadêmicas ele é diretor-fundador e professor de teologia da Beeson Divinity School, sendo o atual deão (<http://www.beesondivinity.com/fromthedeans>).

Além disso, sua obra é agradável de ser lida. O autor concilia erudição e simplicidade, sendo bastante didático em sua apresentação. É o resultado aperfeiçoado de palestras ministradas e textos publicados ao longo de seu ministério. Ele pôde reunir todo o material e ampliá-lo significativamente durante o ano que permaneceu de licença na Suíça (p. 12).

Após fazer considerações esclarecedoras sobre a Idade Média como uma época carente de Deus, estando os fiéis angustiados, “sedentos por Deus”, George analisa alguns dos personagens basilares da Reforma que representam tradições distintas, dedicando um capítulo aos pontos mais relevantes da teologia de cada um (Lutero, Zuínglio, Calvino, Simons). Ele termina sua jornada com um capítulo sobre “A validade permanente da Reforma”, destacando alguns pontos: Soberania e Cristologia, Escrituras e Eclesiologia, Culto e Espiritualidade e Ética e Escatologia.

---

\* Mestre e doutor em Ciências da Religião; professor da Escola Superior de Teologia (Universidade Presbiteriana Mackenzie) e do Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição; integrante da equipe pastoral da Igreja Presbiteriana de São Bernardo do Campo.

George buscou o equilíbrio na avaliação dos personagens da Reforma, propondo-se a não “canonizar os reformadores”, ilustrando falhas de cada um. Contudo, seu entusiasmo por esses homens é compreensível: “... o que é notável nos reformadores é que, apesar de seus pontos fracos, pecados e setores cegos, eles foram capazes de apreender com muita perspicuidade o caráter paradoxal da condição humana e a grande possibilidade de redenção humana mediante Jesus Cristo” (p. 12). Daí o seu desafio para que os ouçamos (p. 12).

O seu propósito não é apologético (p. 15-23). Seguindo o modelo de Ranke,<sup>1</sup> propõe-se a um uso “escrupuloso das fontes” (p. 17), ainda que reconheça, corretamente, que uma história completamente objetiva não pode ser escrita. “A história nunca é o simples recontar do passado como realmente foi. É, inevitavelmente, uma interpretação do passado, uma visão retrospectiva do passado limitada tanto pelas fontes em si quanto pelo historiador que as seleciona e interpreta” (p. 17).<sup>2</sup> Ele se vale com habilidade de fontes primárias e secundárias. No final de cada capítulo apresenta uma útil bibliografia selecionada e comentada.

Ainda que sustente que a Reforma foi um movimento essencialmente religioso (p. 20), admite que ela foi “uma era de transição, caracterizada pelo surgimento de um novo tipo de cultura que estava se esforçando para nascer enquanto o velho tipo de cultura ainda estava morrendo” (p. 19). No entanto, foi “a um tempo reavivamento e revolução” (p. 21).

O autor observa corretamente que, “embora acolhessem entusiasmamente os esforços dos eruditos humanistas, tais como Erasmo, por recuperar o primeiro texto bíblico e submetê-lo a uma rigorosa análise filológica, [os reformadores] não viam a Bíblia meramente como um livro entre muitos outros. Eles eram irrestritos em sua aceitação da Bíblia como a única e divinamente inspirada Palavra do Senhor” (p. 312). Os reformadores foram “grandes exegetas das Escrituras Sagradas” (p. 313).

O humanismo, mesmo sendo útil à Reforma, jamais chegou ao cerne da questão vital que distanciava a igreja de sua origem e propósito: “A despeito da importância do humanismo como uma preparação para a Reforma, a maioria dos humanistas, e principalmente Erasmo entre eles, nunca alcançou nem a gravidade da condição humana, nem o triunfo da graça divina, o que marcou os reformadores. O humanismo, assim como o misticismo, foi parte da estrutura que possibilitou aos reformadores questionar certas suposições da tradição recebida, mas que em si mesma não era suficiente para fornecer uma resposta duradoura às obsessivas perguntas da época” (p. 50).

<sup>1</sup> Leopold Von Ranke (1795-1886), historiador alemão de tradição luterana.

<sup>2</sup> Para uma visão mais ampla desta questão, ver: COSTA, Hermisten M. P. *Raízes da teologia contemporânea*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 16-26.

A Reforma foi um movimento progressista: “Apesar de toda sua ênfase no retorno à igreja primitiva do Novo Testamento e da época patrística, a Reforma consistiu essencialmente num movimento visando ao futuro. Foi um movimento dos ‘últimos dias’, vivido numa forte tensão escatológica entre o ‘não mais’ da antiga dispensação e o ‘ainda não’ do reino perfeito de Deus” (p. 319).

A Reforma, no entanto, não foi autogerada; antes, digamos, foi o movimento que teve êxito numa sucessão de tentativas frustradas ao longo dos séculos: “A reforma do século XVI, portanto, foi uma continuação da busca pela igreja verdadeira que havia começado muito antes que Lutero, Calvino ou os padres de Trento entrassem na lista” (p. 34).

Desde a primeira edição, a editora Vida Nova fez um trabalho cuidadoso de tradução e edição, apresentando um índice remissivo de grande importância, ainda mais em livros como este, com grande riqueza de informações.

A obra é recomendável. Depois da sua leitura, por sua relevante amostragem, o pensamento da Reforma lhe parecerá muito mais claro e significativo. Deste modo, poderá ser compreendido como e por que a cosmovisão da Reforma partindo das Escrituras mudou a história do Ocidente, colocando, no dizer de Machen, “o mundo em chamas”.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> MACHEN, J. Gresham. *Cristianismo e liberalismo*. São Paulo: Os Puritanos, 2001, p. 83.